

Cooperação, competição e individualismo: pesquisa e contemporaneidade¹

Angela Uchôa Branco² e Sanmya de Jesus Salomão

Universidade de Brasília

Resumo

Cooperação, competição e individualismo consistem em tema de fundamental relevância na contemporaneidade. A contribuição da psicologia está em estudar os múltiplos e variados fatores que, de forma dinâmica, atuam no desenvolvimento de padrões interativos, crenças e valores específicos, que dão origem a ações e interações que irão, afinal, constituir o cotidiano das relações humanas em sociedade. Em nosso Laboratório na Universidade de Brasília, temos desenvolvido projetos envolvendo crianças, adolescentes e adultos, procurando analisar o desenvolvimento de padrões de interação social, crenças e valores em contextos culturalmente estruturados, bem como a questão da moralidade e motivação social. Os estudos têm feito uso de entrevistas e vídeo, o que nos permite a análise microgenética das interações sociais. O artigo analisa, pois, a questão da interdependência humana expressa sob a forma de padrões interativos e crenças e valores, ilustrando com um exemplo empírico a metodologia utilizada.

Palavras-chave: professor-aluno, currículo oculto, valores.

Cooperation, competition and individualism: a contemporary research issue

Abstract

Cooperation, competition and individualism are fundamental topics to be studied in today's world. The contribution of psychology resides in the study of the multiple and varied factors, which dynamically act in the development of interactive patterns, beliefs and specific values which are the origin of actions and interactions. These actions and interactions will finally constitute the routine of human relationship in our society. In our Laboratory, at the University of Brasília, we have been carrying out research projects with the objective of investigating social interaction patterns, values and beliefs in children, adolescents and adults. Moral development and social motivation also consist of topics of interest. Interviews and videotape are used, allowing for a micro genetic analysis of social interactions. The present article discusses human interdependence issues related to interactions, values and beliefs, and it also provides an empirical example of the methodology we are using to develop our research.

Key words: teacher-student, hidden curriculum, values.

1. Trabalho apresentado no Simpósio *Valores, responsabilidade social e subjetividade*, XXXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Rio de Janeiro - RJ, outubro de 2001.

Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. CEP 70910-900 Brasília - DF. e-mail: ambranco@terra.com.br

2. Apoio financeiro CNPq – Bolsa Pesquisador.

Nosso propósito, neste artigo, consiste, principalmente, em destacar a necessidade urgente de se ampliar, no âmbito da psicologia acadêmica, a análise e discussão sobre o tema da motivação social e moralidade para além do raciocínio ou julgamento moral e para além de levantamentos de crenças e valores de categorias específicas de pessoas. Nosso objetivo é, pois, buscar, de forma cooperativa, alternativas teórico-metodológicas que nos permitam melhor investigar e compreender a complexa dinâmica dos processos de internalização e transformação dos valores sociais nos seres humanos. Para tanto, temos procurado adotar uma perspectiva sociocultural construtivista que se fundamenta, sobretudo, na qualidade sistêmica e dinâmica do fenômeno psicológico, compreendido como processo complexo resultante da ação contínua de fatores sociogenéticos e participação ativa do sujeito em seu próprio desenvolvimento.

A configuração e desenvolvimento de padrões de interdependência social competitivos, cooperativos e individualistas, que se constituem de forma continuada nos contextos em que vão sendo estabelecidos e transformados, consistem em tema de fundamental relevância na contemporaneidade (Morin e Prigogine, 2000). A nosso ver, a contribuição da psicologia está em estudar os múltiplos e variados fatores que, de forma dinâmica, atuam no desenvolvimento de padrões interativos, crenças e valores específicos, que dão origem a ações e interações que irão, afinal, constituir o cotidiano das relações humanas em sociedade (Branco e Valsiner, 1997).

A questão da interdependência humana, expressa sob a forma de padrões interativos, crenças e valores, merece urgentemente maior destaque, em especial porque se trata de uma temática particularmente relevante para ser investigada no contexto da psicologia científica. Trata-se de uma questão que precisa ser analisada sob o ponto de vista teórico (Staub, 1991) e, particularmente, sob a perspectiva metodológica (Branco, 1998). Em termos de uma abordagem sociocultural construtivista, é necessário

construir e inovar metodologias, a partir de uma base epistemológica qualitativa, que permitam formas de acesso e investigação dos complexos processos psicológicos relacionados ao fenômeno da interdependência social (Valsiner, 1997).

Staub (1989) propõe que crenças e valores sociais seriam parte de um sistema mais amplo da motivação, relacionados ao bem-estar social. O autor apresenta uma proposta por ele denominada de Teoria dos Objetivos Pessoais (*Personal Goal Theory*), a qual considera como uma possível resposta às inúmeras controvérsias conceituais relativas à questão da origem e desenvolvimento da motivação social, que, para ele, abrange desde o altruísmo à agressão. Segundo essa teoria, os valores estão organizados de forma sistêmica e hierárquica e assumem uma posição central no conjunto da motivação social, que inclui outros elementos, tais como objetivos pessoais, necessidades do sujeito, seus motivos inconscientes, características do contexto, regras e costumes sociais. É o próprio autor quem propõe:

"A partir da perspectiva da Teoria dos Objetivos Pessoais, para entender os comportamentos que beneficiam ou prejudicam os outros (...) temos de considerar a totalidade da personalidade da pessoa e circunstâncias." (p.46)

Portanto os valores e crenças de um sujeito são entendidos como elementos do sistema motivacional em processo de contínuo desenvolvimento, tendo implicações morais, regulando as interações sociais e integrando as funções psicológicas do sujeito à dinâmica social em que este se insere.

Um dos pontos que mais chama a atenção no trabalho de Staub diz respeito à ideia de valorização ou desvalorização do "outro", na definição da própria cultura e identidade. O autor aponta que a atribuição de valores a outros seres humanos é o caminho de demarcação do grupo social entre aqueles que pertencem (*ingroup*) ou não (*outgroup*) a determinado grupo, através de um sentido de identificação e constituição da própria identidade.

De fato, cada um de nós vivencia a experiência de diferenciar-se do outro ao reconhecer o sentido de alteridade. No entanto sob que bases valorativas e parâmetros morais essa noção de alteridade é desenvolvida? Essa é a questão fundamental. Tradicionalmente e em particular no mundo em que hoje vivemos, é fácil encontramos a definição da identidade de cada sujeito ou grupo de sujeitos a partir da desvalorização dos outros, daqueles que “não-pertencem” (*outgroup*) àquele grupo em questão, conforme aponta Staub.

Na elaboração de nossa própria concepção acerca de crenças e valores sociais, é preciso acrescentar à discussão três pontos fundamentais. Primeiro, trata-se de considerar como valores aquelas crenças e/ou objetivos que desempenham um papel especial na dinâmica do sistema motivacional da pessoa (Melo, 1996; Branco, 2001). Isso porque certas convicções (ou crenças) e metas (ou objetivos) são particularmente importantes e poderosas em determinados contextos da vida de cada um: são impregnadas de afeto e emoção e tendem a uma maior estabilidade ao longo do desenvolvimento da pessoa. Entretanto o caráter dinâmico do sistema (Valsiner, Branco e Dantas, 1997), em permanente interação com os contextos situacionais, sempre admite uma contínua transformação que pode dar margem a mudanças na organização hierárquica do próprio sistema, admitindo a emergência de novos valores e transformação de outros (Branco, 2001; Branco e Salomão, 1999; Oliveira, 1999). Em segundo lugar, é necessário discutir a relação dos valores com a motivação e interações humanas e, finalmente, a questão das relações entre valores e linguagem, no contexto do universo semiótico em que o ser humano está inserido.

Sabemos que o comportamento e as atividades humanas são sempre orientados por objetivos específicos (*goal orientations*). Os valores sociais são o principal elemento da motivação social, que sustenta a ação do sujeito no mundo em suas interações com os parceiros (Goodnow, 1988, 1997). Isso porque os valores orientam o modo como cada pessoa enxerga a si mesma, ao outro e às circunstâncias a sua volta,

sempre através de um permanente processo de constituição orientações para a crença e orientações para objetivo que desempenham fundamental papel nas ações concretas dos indivíduos em interação (Murphey, 1992; Valsiner e cols., 1997) ou seja, cada um qualifica e dá sentido às experiências vividas e à sua própria participação em situações variadas. Como afirma Melo (1996, p.18), “...o conjunto de crenças e valores do indivíduo atribui um sentido às suas experiências e práticas cotidianas e influencia as ações da pessoa”.

Assim, os valores constituem o nível mais estável da organização do sistema da motivação social, mas não são por isso estáticos ou imutáveis. Ao contrário, eles se articulam de forma dinâmica com as demais orientações para crença (Valsiner e cols., 1997) presentes na ações concretas dos sujeitos em interação. Essas orientações se transformam no decorrer das negociações e interações sociais, acompanhando a dinâmica de seu fluxo e de acordo com processos de desenvolvimento e socialização. É justamente desse modo que vai se reconfigurando todo o sistema da motivação social, incluindo aí os valores e as conseqüentes mudanças que tais transformações possam acarretar na dimensão da ação social, ou seja, dos padrões de interação humana.

Em nosso Laboratório (Laboratório de Microgênese das Interações Sociais), na Universidade de Brasília, temos desenvolvido, com a participação de alunos de graduação, mestrado e doutorado, projetos envolvendo crianças, adolescentes e adultos. A análise e a discussão do desenvolvimento de padrões de interação social, crenças e valores em contextos culturalmente estruturados têm sido centrais na grande maioria de nossos projetos.

Temos estudado professores em suas relações com os alunos, mães com seus filhos e, mais recentemente, temos procurado analisar a questão da moralidade e motivação social (traduzida, particularmente, na expressão da cooperação, competição e individualismo) na visão de pais, professores e jovens adolescentes. Os estudos visando à investigação de padrões interativos têm feito uso de tecnologia

de vídeo, sendo as interações gravadas, transcritas e, posteriormente, submetidas a uma análise microgenética. Isso tem possibilitado:

1. a categorização das interações em *frames* interacionais de caráter convergente, divergente e ambivalente; e
2. a identificação de estratégias metacomunicativas utilizadas pelos indivíduos em interação, as quais participam dos processos de co-construção de significados no contexto da comunicação interpessoal, podendo ter importante impacto não somente em termos de relacionamento, mas também em termos do desenvolvimento de crenças, valores e variados aspectos da personalidade individual, tais como auto-estima, autoconceito etc.

No estudo de crenças e valores, temos utilizado a técnica da entrevista e desenvolvido metodologias de análise qualitativa compatíveis com a abordagem sociocultural construtivista com a qual trabalhamos. Tais metodologias vêm contribuindo para a identificação e análise daquilo que temos denominado como "orientações para crenças", tendo em vista a preservação do caráter dinâmico, em contínua transformação e desenvolvimento, do sistema motivacional dos seres humanos.

Dentre os trabalhos que têm servido de apoio para a contínua co-construção teórico-metodológica acerca do tema em questão, destacamos:

1. a análise dos processos de canalização cultural, investigados em contextos estruturados para a promoção de padrões comportamentais cooperativos e competitivos entre crianças de três anos de idade (Branco, 1998; Branco e Valsiner, 1997);
2. estudo acerca de tópicos relativos ao desenvolvimento moral, realizado com pré-adolescentes e com pais de crianças na idade escolar (Freitas, 1998; Freitas e Branco, 2000; Martins, 2000; Martins e Branco, 2000);

3. estudo sobre os processos de comunicação e metacomunicação envolvidos na transmissão bidirecional de crenças e valores relativos à motivação social no contexto das interações professora-alunos em sala de aula (Salomão e Branco, 2001);
4. estudos que se encontram em andamento acerca de crenças e valores relativos à motivação social, um deles realizado com pais e professores de pré-escolares (Palmieri, 2001) e o outro com diferentes grupos de adolescentes matriculados em escolas de Brasília (Branco e Veludo, em andamento).

Antes de prosseguir, relatando aspectos específicos de alguns desses projetos, aqui selecionados para ilustrar nosso trabalho, é preciso definir ou precisar conceitualmente, alguns dos construtos teóricos que se têm revelado extremamente úteis na realização de nossas investigações. São eles:

1. convergência, divergência, negociação e ambivalência de orientações para objetivo, no que se refere a padrões de interação social;
2. metacomunicação; e
3. internalização de crenças e valores na perspectiva sociocultural construtivista.

As noções de convergência, divergência, negociação e ambivalência de orientações para objetivo (*goal orientations*, ver Branco e Valsiner, 1997) se referem à existência, ou não, de compatibilidade entre as orientações para objetivo apresentadas pelos participantes da interação. Quando há compatibilidade, há convergência, sendo a cooperação um caso especial de convergência, pois, nesse caso, o objetivo é o mesmo e as ações conjuntas irão beneficiar a ambos no alcance do objetivo. No caso da divergência, existe uma incompatibilidade, pois o objetivo de um exclui ou dificulta o alcance do objetivo do outro. O importante, na adoção de tal terminologia, porém, é assegurar o fluxo dinâmico das coordenações de orientação para objetivo e eliminar a idéia de

que necessariamente cooperação e competição são, particularmente no nível microgenético, padrões de interação social excludentes. Essa terminologia, igualmente, permite dar conta da grande complexidade presente no tecido das interações e relações sociais. Um bom exemplo é a amizade e vários estudos têm demonstrado isto: cooperar e competir estão muitas vezes, presentes em nível micro, mas, em nível macro, prevalecem as interações afiliativas e os conflitos verdadeiramente construtivos entre os bons amigos! Portanto não é a aparente ausência de conflito que assegura um relacionamento de boa qualidade entre as pessoas.

Em estudo realizado com Jaan Valsiner (Branco e Valsiner, 1997), foram estruturados dois contextos distintos, um organizado cooperativamente e outro, de forma a estimular a competição. Crianças de três anos foram, então, organizadas em duas triades diferentes e cada triade foi convidada a participar de atividades em cada um desses contextos, sob a supervisão de um adulto. As sessões, gravadas em vídeo, permitiram uma série de análise interessante, particularmente com relação ao fluxo ou dança interativa das crianças em cada situação. Mas o importante aspecto a ser destacado no presente artigo, porém, foi o efeito de *canalização cultural* exercido pela experiência vivida pelos dois grupos em cada contexto: o contexto cooperativo levou a índices superiores a 90% de interações convergentes entre as crianças, enquanto o contexto competitivo praticamente desestimulou qualquer interação: ocorreram algumas, mas, em geral, de caráter ambivalente ou mesmo divergente entre as crianças (Branco, 1998).

Com relação ao construto metacomunicação, inicialmente, é preciso defini-lo: trata-se da comunicação sobre o próprio processo de comunicação (Fogel e Branco, 1997; Watzlavik, Beavin e Jackson, 1967). Para nós, entretanto, interessa mesmo é a metacomunicação relacional, ou seja, aquela que se refere à natureza das interações ou relacionamento

entre os indivíduos em interação comunicativa. A metacomunicação relacional é uma importante dimensão do fenômeno comunicativo porque oferece a base interpretativa sobre a qual as mensagens serão interpretadas pelas pessoas. Um mesmo gesto, palavra ou frase podem ser interpretados diferentemente, a depender do como e em que contexto relacional estão sendo apresentados ao outro. Por exemplo, dependendo de como um adolescente diz “Vamos ao cinema com a gente?” para um colega, este provavelmente saberá se ele é ou não bem-vindo ao grupo... e assim por diante.

Assim sendo, temos verificado, em nossos estudos que as estratégias não verbais e paralingüísticas típicas da metacomunicação têm-se revelado poderosos mecanismos no sentido de convidar os participantes à convergência, divergência, negociação e ambivalência. E, com isso, levar à internalização de significados específicos. Por exemplo, uma criança ou adolescente que frequentemente experiencia a rejeição dos colegas, muito provavelmente irá internalizar significados que poderão contribuir para a co-construção de uma baixa auto-estima. Mas isso não ocorrerá necessariamente, pois, na perspectiva dinâmica e complexa que adotamos, os processos psicológicos são co-construtivos, isto é, vários e múltiplos fatores atuam na constituição da personalidade, fundamentalmente aí o próprio sujeito, que pode interpretar a rejeição como, por exemplo, um indicador da “crianceira” ou “superficialidade” dos colegas que não se interessam por questões verdadeiramente interessantes.

O projeto que estamos realizando sobre os processos de comunicação e metacomunicação envolvidos na transmissão bidirecional de crenças e valores relativos à motivação social no contexto das interações professora-alunos em sala de aula tem, igualmente, revelado o quanto a professora tende a enfatizar o individualismo em detrimento das ações cooperativas. O protocolo de análise de vídeo que temos utilizado é apresentado a seguir, na Tabela 1:

Tabela 1. Protocolo de análise da interação professora-alunos.

Tempo	Episódio	Ações da professora	Ações das crianças
	Empréstimo		As crianças continuam movimentando-se pela sala, conversando e trocando os materiais.
38:34	"Br, aonde você vai?"		Br está em pé do outro lado da sala. (resposta inaudível)
	"Você vai pedir pro seu colega do lado." P fala em tom de voz enfático, assertivo, dando uma ordem que orienta o comportamento de Br.		Br: "Mas ele não me empresta." Br fala em tom de justificativa para sua movimentação pela sala.
	"Então, você não vai pintar! Cadê seu lápis de cor?" P adota uma postura autoritária e determinada ao falar. (ênfase no "seu")		Br: "Eu não tenho, samii minha bolsa com o lápis de cor..." Br fala, explicando-se.
	"Senta!!" P fala em tom de voz firme e resoluta, impondo um fim à situação de conflito, de modo autoritário, não contribuindo para uma possível solução.		Br volta para seu lugar.
Evidencia-se, na fala de P: "Então, você não vai pintar! Cadê seu lápis de cor?", que grande ênfase é atribuída à posse individual de materiais. P não interveio nas interações entre as crianças no sentido de promover ou incentivar atitudes cooperativas ou a troca de materiais na turma. A manutenção da ordem e disciplina parece ser a principal orientação para objetivo da professora, mesmo em detrimento dos objetivos específicos da atividade de pintura ou resolução de conflitos entre as crianças.			
OC: não é esperado que as crianças ajudem umas às outras compartilhando material necessário à realização da tarefa, mesmo quando o colega não o possui e não possa realizar a tarefa			
38:53			"Tia, o An ainda nem começou."
	P está conversando com Rf e demonstra não ter ouvido o comentário da criança.		
40:40		P caminha diante das mesas das crianças, verificando seus trabalhos. Ao passar em frente à mesa de An, ela diz: "An, o que é que você tem que fazer agora?" P fala em tom de inquisição, instigando uma atitude de An para continuar seu trabalho.	
			A reação imediata de An não aparece no vídeo. Ele estava lendo e folheando o livro e pareceu não dar muita atenção à pergunta da professora.
			Db fala dirigido-se para P e para An ao mesmo tempo: "A Tw que não emprestou para ele. Fala isso!", diz para An.
	P continua olhando os trabalhos das crianças.		
Db interfere na situação de conflito em que An não tem o material necessário para o trabalho. Ela assume uma postura de defender o colega, denunciando a atitude não cooperativa de Tw e justificando para a professora o atraso de An no desenvolvimento da atividade. Ao mesmo tempo, ela se dirige ao colega, sugerindo que ele deveria assumir uma postura mais assertiva em sua própria defesa, oferecendo um exemplo e auxiliando-o em sua inabilidade social. A denúncia e a interferência das colegas na situação de conflito de An meta comunicam que há, por parte de algumas crianças da turma, uma percepção sobre a ênfase atribuída à posse individual de materiais, sobre a ausência de um padrão cooperativo relativo a An e sua condição de exclusão em situações desse tipo. No entanto P segue para o curso da atividade, não atentando para os significados presentes na situação de conflito e as possíveis dificuldades de cada aluno.			
OC: não é esperado que as crianças ajudem umas às outras compartilhando material necessário à realização da tarefa, mesmo quando o colega não o possui e, em consequência, não possa realizar a tarefa			

Uma leitura cuidadosa do protocolo de análise evidenciava as variadas estratégias utilizadas por professora e alunos no contexto da sala de aula. Verificamos aí que, ao longo de todo o episódio analisado, emerge como orientação para crença (Oliveira e Branco, 1999; Valsiner e cols., 1997), que “não é esperado que as crianças ajudem umas às outras compartilhando material necessário à realização da tarefa, mesmo quando o colega não o possui e não pode realizar a tarefa”. A ênfase na posse individual dos objetos e a orientação em não estimular trocas ou interações aí evidentes podem ser confirmadas em vários outros episódios analisados no contexto do projeto como um todo (Branco e Salomão, 1999; Salomão, 2001). Frequentemente, a professora sugeria que os trabalhos deviam ser realizados de forma individual e a conversa ou interação entre as crianças era prejudicial ao bom andamento das atividades. Isso ela indicava, de forma direta e/ou indireta, como, por exemplo, no pequeno trecho transcrito e analisado neste artigo. O convite ao individualismo estava presente, de forma consistente, no conteúdo de suas falas, em sua postura em relação às crianças com quem interagiu, em seu tom de voz e outros indicadores paralingüísticos, em sua expressão fisionômica e direção do olhar, entre outros indicadores.

Concluimos, assim, que apenas através da utilização de uma metodologia sistemática, microanalítica e qualitativa de análise das seqüências interativas observadas entre professora e alunos em nível microgenético tem sido possível especificar o papel crucial desempenhado pela metacomunicação na canalização cultural de valores associados ao individualismo e a competição, ou então, à cooperação e disposição solidária (Branco e Mettel, 1995). Acreditamos que estudos como esse e projetos como estamos no momento desenvolvendo com pais e professores da pré-escola em Londrina e com jovens adolescentes em Brasília, poderão contribuir para alertar a todos, família e educadores, particularmente, sobre importância de estarmos continuamente atentos às nossas interações cotidianas com as crianças, adolescentes, enfim, as pessoas, em geral, com as quais convivemos em diferentes contextos. Muitas vezes, sem nos darmos conta (no caso da escola, isto tem sido denominado como “currículo oculto”), estamos

metacomunicando algo bem diferente daquilo que acreditamos estar transmitindo ao outro, seja afeto, incentivo para estudar ou o tornar-se mais sensível para ajudar o outro.

O mais grave, porém, é quando, sem saber, estamos reforçando, com nossas escolhas de atividades e nossas ações verbais, e não verbais, padrões de interação e relacionamento competitivos e/ou tipicamente individualistas. Todos os dados que temos em nossos projetos até o momento, apontam nessa direção. Cabe-nos, portanto, compreender a extensão das conseqüências de nossas ações de socialização, uma em relação à outras e assumir uma posição mais ativa no sentido de promover um contexto de maior colaboração, onde, além da necessária cooperação, seja possível, também, observar conflitos ou divergências de ordem construtiva, os quais, em nossa concepção, constituem importante fonte de desenvolvimento e transformação do indivíduo e sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Branco, A. U. (1998). Cooperation, competition and related issues: A co-constructive approach. Em M. C. Lyra e J. Valsiner (orgs.), *Child development within culturally structured environments. Construction of psychological processes in interpersonal communication* (Vol.4, pp.181-205). Norwood, NJ, EUA Ablex Publishing.
- Branco, A. U. (2001). Contextual, interactional and subjective dimensions of cooperation and competition: A co-constructivist analysis. Em S. Chaiklin (org.), *The theory and practice of cultural-historical psychology* (pp.107-123). Denmark: University of Aarhus Press.
- Branco, A.U. e Mettel, T. P. L. (1995). O processo de canalização cultural das interações criança-criança na pré-escola. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11 (1), 13-22.
- Branco, A. U. e Salomão, S. (1999). Análise dos processos de metacomunicação em sala de aula: Um olhar sobre a dinâmica das interações professor-aluno [Resumo]. Em Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (org.), *Anais da 51a. Reunião Anual da SBPC* (Vol. 51). Porto Alegre: SBPC.
- Branco, A. U. e Valsiner, J. (1997). Changing methodologies: A co-constructivist study of goal orientations in social interactions. *Psychology and Developing Societies*, 9, 35-64.

- Fogel, A. e Branco, A. U. (1997). Meta-communication as a source of indeterminism in relationship development. Em A. Fogel; M. Lyra e J. Valsiner (orgs.), *Dynamics and indeterminism in developmental and social processes* (pp.65-92). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Freitas, J. (1998). *Desenvolvimento moral na visão dos pais: Uma análise co-construtivista*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Freitas, J. e Branco, A. U. (2000). Orientações para crença acerca do desenvolvimento moral na percepção de pais de classe média [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (org.), *Resumos de Comunicações Científicas. XXX Reunião Anual de Psicologia*. Resumos (p. 136). Ribeirão Preto: SBP.
- Goodnow, J. J. (1988). Parents' ideas, actions, and feelings: Models and methods from developmental and social psychology. *Child Development*, 59, 286-320.
- Goodnow, J. J. (1997). Parenting and the transmission and internalization of values: From sociocultural perspectives to within-family analysis. Em J. E. Grusec e L. Kuczynsky (orgs.), *Parenting and children's internalization of values: A handbook of contemporary theory* (pp.333-361). New York, NY: Wiley.
- Martins, L. (2000). *Crenças e valores morais em pré-adolescentes: Uma análise sociocultural construtivista em contextos comunicativos semi-estruturados*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Martins, L. e Branco, A.U. (2000). Desenvolvimento moral: Considerações teóricas a partir de uma perspectiva sociocultural construtivista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17, 169-177.
- Melo, C. S. (1996). *Crenças maternas sobre desenvolvimento e educação da criança em contexto de baixa renda*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Morin, E. e Prigogine, I. (2000). *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Murphey, D. A. (1992). Constructing the child: Relations between parents' beliefs and child outcomes. *Developmental Review*, 12, 199-232.
- Oliveira, S. L. (1999). *Crenças e valores sobre desenvolvimento e educação de crianças pequenas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Oliveira, S. L. e Branco, A. U. (1999). *Analysis of educators' belief orientations concerning child development and education from a co-constructionist approach*. Trabalho apresentado. XXIX Annual Symposium of the Jean Piaget Society, Cidade do México, México.
- Palmieri, M. (2001). *Cooperação, competição e individualismo na pré-escola: valores de pais, professores e contextos de desenvolvimento*. Projeto de Qualificação, Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Salomão, S. (2001). *A co-construção de crenças e valores: Comunicação e metacomunicação nas interações professora-alunos em sala de aula*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Salomão, S. e Branco, A. U. (2001). Comunicação e metacomunicação nas interações professora-alunos: Valores e motivação social [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (org.), *Resumos de Comunicações Científicas. XXXI Reunião Anual de Psicologia*. Resumos (p. 27). Ribeirão Preto: SBP.
- Staub, E. (1989). Individual and societal (group) values in a motivational perspective and their role in benevolence and harming. Em N. Eisenberg; J. Reykowski e E. Staub (orgs.), *Social and moral values: Individual and societal perspectives* (pp. 45-64). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Staub, E. (1991). A conception of the determinants and development of altruism and aggression: Motives, the self, and the environment. Em C. Zahan-Waxler; E.M. Cummings e R. Iannotti (orgs.), *Altruism and aggression: Biological and social origins* (pp.135-164). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Valsiner, J. (1997). *Culture and the development of children's actions* (2nd ed.). New York: Wiley.
- Valsiner, J.; Branco, A. U. e Dantas, C. (1997). Socialization as co-construction: Parental belief orientations and heterogeneity of reflection. Em J. E. Grusec e L. Kuczynski (orgs.), *Parenting and children's internalization of values* (pp. 283-306). New York: Wiley.
- Watzlawick, P.; Beavin, J. H.; e Jackson, D. D. (1967). *Pragmatics of human communication: A study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: W. W. Norton.

Recebido em: 20/11/01

Acelto em: 10/09/02